

código de
Cristo

DECIFRE VOCÊ

GREGÓRIO VICENTE
LUCAS VICENTE

código de
Cristo

DECIFRE VOCÊ

UMA HISTÓRIA SOBRE TESOURO
INSPIRADO EM FATOS REAIS



Copyright © 2008 by Judá Editora

Todos os direitos reservados.

Editor **Gregório Vicente**

Preparação de texto e revisão **Maria Lucia Flores da Cunha Bierrenbach**

Capa e diagramação **SGuerra Design**

Fotos de capa e miolo © 2008 **Jupiterimages Corporation**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vicente, Gregório

Código de Cristo : decifre você / Gregório Vicente, Lucas

Vicente. -- Ribeirão Preto, SP : Judá Editora, 2008.

Bibliografia.

ISBN 978-85-61670-00-9

1. Ficção brasileira I. Vicente, Lucas. II. Título.

08-04074

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira

869.93



JUDÁ EDITORA
Ribeirão Preto – São Paulo
www.judaeditora.com.br

*Agradecemos a Deus, à nossa família, aos amigos,
aos profissionais e a todos quantos possam
compartilhar desta obra.*

*42 E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão,
no partir do pão e nas orações.*

*43 Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram
feitos por intermédio dos apóstolos.*

*44 Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em
comum.*

*45 Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto
entre todos, à medida que alguém tinha necessidade.*

*46 Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam
pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e
singeleza de coração,*

*47 louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo.
Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam
sendo salvos. (Atos 2: 42-47)*



PREFÁCIO

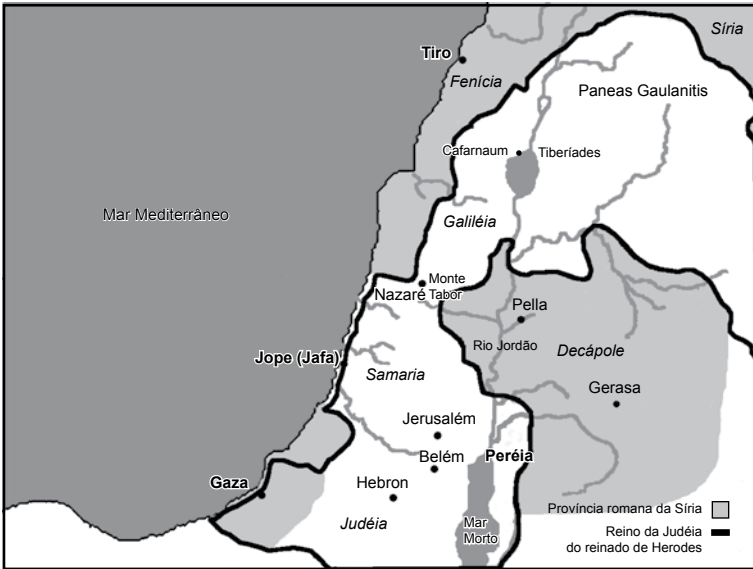
A concepção deste livro se deu como uma viagem, no sentido literal, e nela algo inteiramente sublime brotou em meu coração, com uma certeza de dizeres, de que poderia iluminar o mundo. Algo que me deixou dias sem dormir, sem comer, até que entendi por completo o que via em partes, o chamado de escrever um livro, não um qualquer, mas um livro que tivesse como objetivo saciar as pessoas de um amor há tempos esquecido nos muitos giros e transformações de um mundo burocrático e frio. Este foi o início da saga que me comprometi a realizar, todavia não poderia enfrentá-la sozinho, foi então que agreguei meu filho a tal compromisso, que prontamente me atendeu, sendo um fiel escudeiro nos meus escritos e afazeres para dar forma à nossa obra.

Este livro, que poderia ser chamado de um exemplo do amor, formou-se tendo como bases âmbitos paradoxais e antagônicos de nossa realidade. Por isso nossa escolha da região da Palestina, um perfeito símbolo de disputas, guerras e ódio, que estão calcados não apenas nas diferenças religiosas, políticas e sociais como também na memória de dois povos, que têm em seu imaginário a inimizade. Neste ambiente oblíquo e tenso, aflora, por meio das amizades, um amor improvável, quebrando as barreiras de duas culturas, das religiões e até dos jogos do poder.

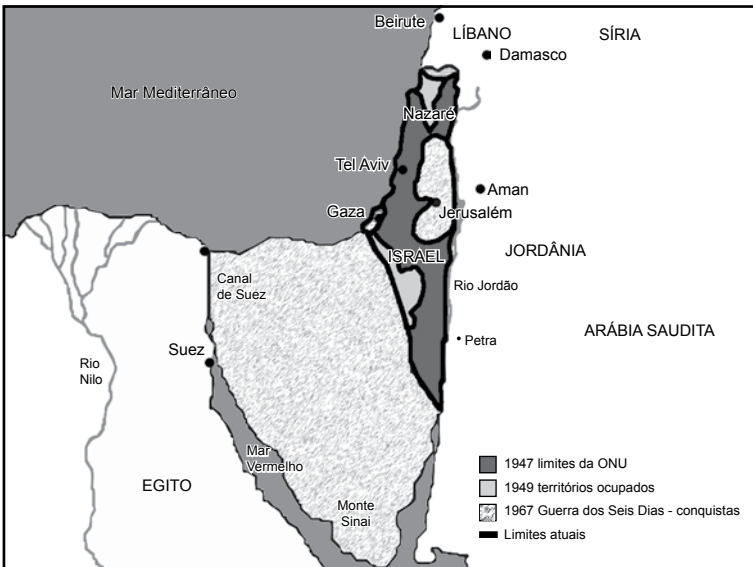
Dando forma à saga não só dos personagens à procura de um tesouro, ou daquilo que dê valor, cada leitor vai encontrar em si mesmo aquilo que é o seu tesouro, por isso decifre você também o seu.

Os autores

PALESTINA NO TEMPO DE JESUS



FORMAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL





SUMÁRIO

<i>Introdução</i> – Viagem de Gregg	13
<i>Capítulo 1</i> – Retorno a 1955	15
<i>Capítulo 2</i> – Os Manuscritos	27
<i>Capítulo 3</i> – O Tesouro	33
<i>Capítulo 4</i> – Lugar Seguro	41
<i>Capítulo 5</i> – Tempo de Esperar	45
<i>Capítulo 6</i> – Quanto Vale um Tesouro?	49
<i>Capítulo 7</i> – A Missão	55
<i>Capítulo 8</i> – Os Sacerdotes	59
<i>Capítulo 9</i> – Confiança	71
<i>Capítulo 10</i> – O Tesouro da Humanidade	75
<i>Capítulo 11</i> – Os Três Amigos	87
<i>Capítulo 12</i> – O Tempo Voa	95
<i>Capítulo 13</i> – O Retorno	99
<i>Capítulo 14</i> – Fé	107
<i>Capítulo 15</i> – Milagres e Revelações	113
<i>Capítulo 16</i> – A Procura de Qazi	129
<i>Capítulo 17</i> – Entrada Triunfal	137
<i>Capítulo 18</i> – O Discípulo	149
<i>Capítulo 19</i> – O Convite	159

<i>Capítulo 20 – Amigos</i>	165
<i>Capítulo 21 – Rede de Espiãs</i>	175
<i>Capítulo 22 – Falso Tesouro</i>	185
<i>Capítulo 23 – A Isca</i>	193
<i>Capítulo 24 – 1967</i>	199
<i>Capítulo 25 – Boatos</i>	209
<i>Capítulo 26 – Despedidas</i>	221
<i>Capítulo 27 – O Grande Dia</i>	229
<i>Capítulo 28 – Salvação</i>	247
<i>Capítulo 29 – Liberdade</i>	257
<i>Capítulo 30 – De Volta a 2001</i>	263
<i>Fatos Históricos – Bibliografia</i>	267



INTRODUÇÃO

VIAGEM DE GREGG

... Eis me aqui, Senhor!

(Atos 9: 10)

Vinte e seis de dezembro de 2001! Acostumado com datas na minha profissão, esta apresentava algo familiar, ontem comemoramos o Natal, e hoje estou prestes a ganhar o meu presente, creio também que estarei presenteando. A data, entretanto, me levava a dar continuidade à leitura que estava fazendo do periódico *Le Monde*, um artigo que tinha como título: “*Após uma espera de 54 anos, Manuscritos do Mar Morto são editados na íntegra*”.

Interrompido pela aeromoça para saber se precisava de alguma coisa, prestativa e capacitada no seu trabalho, também pudera, as aeromoças, ou devo chamá-las de comissárias de bordo, da primeira classe da Air France sempre acomodam bem seus passageiros, e não seriam diferentes comigo, mesmo não estando interessado em que classe estava.

Acomodado estava, persisti no artigo, escrito por Christiane Galus:

A editora Oxford University Press acaba de anunciar nos Estados Unidos a publicação dos últimos volumes dos Manuscritos do Mar Morto. O conjunto dos 39 volumes, apresentado sob o título geral de Discoveries in the Judean Desert (Descobertas no Deserto de Judá), estará completo em janeiro, com o lança-

mento do último volume, o qual inclui uma introdução geral e um índice remissivo. Esse anúncio, feito por Emmanuel Tov, professor da Universidade Hebraica de Jerusalém e responsável pela publicação, pode parecer algo sem importância. No entanto, ele encerra uma longa saga arqueológica, iniciada em 1955, com a publicação do primeiro volume desses manuscritos, a maior parte dos quais escrita em hebraico entre 250 a.C. e 68 d.C. As peripécias e as delongas que prejudicaram esses trabalhos de leitura e de transcrição durante 46 anos foram qualificadas por Geza Vermes, professor da Universidade de Oxford, de “Escândalo acadêmico do século 20”.

Nesse momento, não consegui manter meus pensamentos no que estava lendo, e, sim, viajar no tempo e no espaço, voltando a 1955, um quarto, um hotel...



CAPÍTULO 1

RETORNO A 1955

PARTE 1

Quase seis horas da tarde, o sol estava se pondo. Naquele hotel, duas-estrelas confundiam-se com a lua que nascia. O ventilador de teto girava lentamente. Minha cabeça girava mais rápido. Motivo? Ressaca do *happy hour*, que mal havia começado e já estava terminando, porque eu já não era um garotão, mas me sentia como tal, apesar dos vinte e sete anos de idade. Um som atenuante, como de um sino, insistia várias vezes. Era o telefone. Quase não acreditando, respondi ao chamado.

— Alô! — soando como se fosse um não.

— Oi, Gregg. Sou eu, Lucky. Acorda meu amigo. Estamos precisando de você. Temos trabalho, vamos escavar.

Era o início da minha jornada, após seis meses de muito fazer nada. Assim me senti após a última escavação, com vontade de fazer nada por um longo tempo. Bastou um telefonema e estava em um avião de carreira, se aquilo pode ser chamado de avião de carreira. Era uma aeronave da Segunda Guerra adaptada para transportar passageiros de uma única classe. Classe era o que precisava ter perante o novo trabalho. Será que estava bem trajado? Afinal não é sempre que se é chamado às pressas para uma escavação. E eles não queriam somente classe e, sim, qualidade, experiência e capacidade. E isto eu

tinha, estava com meu currículo preparado. Mas ele não relatava alguns probleminhas de conduta, quando não estava fazendo nada.

Lucky, fiel escudeiro, amigo sincero, já me esperava no aeroporto assim que o avião aterrissou. Londres sempre com seu *fog* atrasou um pouco mais o nosso encontro, fazendo com que demorasse mais no ar. No ar, assim estava me sentindo sobre esse novo projeto na minha vida, mas, dentro de mim, algo me dizia que nada era por acaso.

— Gregg, Gregg! — Lucky me chamava no saguão do aeroporto, após os trâmites legais.

— Qual a pressa? — indaguei, após um grande abraço fraterno. Afinal as escavações e seus achados não iriam para lugar nenhum, já estavam há bastante tempo lá — pensei comigo.

— A diretoria do museu quer uma reunião ainda hoje, assim que você deixar suas malas no hotel — afirmou Lucky, com grande seriedade.

— Tão importante assim, então é algo bem grande — repliquei.

— Eles não querem perder tempo, pois é o achado do século! — completou Lucky.

Naquele momento, veio à minha mente o que procurava desde o meu primeiro dia de universidade, algo que pudesse fazer parte da História, não como coadjuvante e sim como protagonista. Pois em todo sítio arqueológico há achados e descobertas, mas nem todos, mesmo sendo importantes, trazem o prazer desejado por um cientista e ser humano.

PARTE 2

Noite estrelada. Parecia que todas as estrelas estavam desfilando. Era o que tinha acontecido no encontro no museu, várias delas desfilavam: arqueólogos, doutores, cientistas do mundo todo. Mas o

que eles precisavam eu poderia dar, meu currículo falava por mim, e, o mais importante, a disponibilidade de tempo integral para um contrato longo... muito longo, longe de casa.

Longe de casa! Estava naquela noite estrelada a caminho do Oriente Médio, Ásia! Bastou uma reunião, e me encontrava em um navio de passageiros, se é que se pode chamar aquilo de navio de passageiros. Outro equipamento recuperado da Segunda Guerra. Dessa vez, um cargueiro, adaptado para transportar alguns passageiros.

Lucky, *fiel escudeiro, amigo sincero*, estava comigo, e também disponível.

A descoberta fascinava-nos — “*Era mesmo a maior descoberta de manuscritos dos tempos modernos... um achado absolutamente incrível*”, alguém escrevera —, os denominados *Manuscritos do Mar Morto*, descobertos no Deserto de Judá.

Sabíamos que estávamos pegando o bonde andando, como se diz, porque os trabalhos de escavação e de decodificação já haviam sido iniciados, mas fazer parte desse momento histórico era gratificante para nós. Estávamos ansiosos para chegar, arregaçar as mangas de nossos jalecos e pôr a mão na massa. Entretanto não sabíamos o que nos esperava: a maior descoberta de nossas vidas!

PARTE 3

Escavar, cavar, cavar... assim acordei! Sonhando que estava escavando. Após uma semana em Jerusalém oriental, na Jordânia, tudo o que havia visto era uma grande sala, um amplo salão, com cerca de vinte mesas sobre cavaletes e bancos. Nossa tarefa era a de montar um grande quebra-cabeças onde faltavam inúmeras peças, espalhadas por toda parte, por cima de todas as mesas. Meu amigo Lucky ficou encarregado das acomodações, além do que já estava se

relacionando com o pessoal árabe de Jerusalém. Tinha conseguido para nós duas habitações, se podem ser chamadas de habitação. Bem, o importante é que eram isoladas, no meio de tantas moradias, nos dava certa privacidade.

Jerusalém: a antiga cidade do Oriente Médio estava dividida em *ocidental* e *oriental*. Esta divisão aconteceu no armistício assinado entre Israel e Jordânia em 1949, após um grande conflito entre árabes e judeus. Israel ficara com a zona ocidental que havia crescido durante a administração britânica e onde se situava o centro econômico e as novas zonas residenciais. Em 1950, tornou-se capital de Israel. A Jordânia ficara com a zona oriental, a chamada “Cidade velha”, onde se situa os principais locais sagrados. Este era o panorama da cidade de Jerusalém por ocasião da nossa chegada. O museu e seus achados estavam na zona oriental, controlada pela Jordânia.

O museu havia sido inaugurado em 1938, durante o mandato britânico, fora construído com recursos doados por um único benfeitor. Em 1948, foi transferido a uma comissão internacional de curadores, como Instituto Americano, Escola Francesa, Sociedade Britânica e outros. O museu sempre foi mantido por dotações independentes.

Nossa equipe, se pode se chamar de equipe, era uma legião estrangeira de jovens acadêmicos, cada qual com sua função, nem todos disponíveis em tempo integral, iam e vinham dos seus países de origem. Por sua vez, cada um pertencia a determinado contexto político, social e religioso. Eu, por outro lado, era dono do meu próprio nariz, não me interessava por política. Atividade social? Só quando estava em algum pub. Religião? Era ateu, era livre! Ou apenas achava que era.

Sentia falta de fazer um pouco de exercícios, pelo menos um joguinho de futebol, meu sangue anglo-italiano pedia por isso. Mas a única disputa que tínhamos era de trabalho: com a equipe israelense

que decodificava os manuscritos comprados por meio de políticos e banqueiros, judeus e norte-americanos, e que eram contrabandeados para fora da Jordânia. Esses manuscritos, na sua maioria, foram encontrados por beduínos, os pastores árabes que vivem no deserto. Eles passavam para o chefe de sua tribo, que negociava com o mundo todo, quem pagasse mais levava. Entre as duas equipes, a nossa e a de Israel, não havia comunicação, as nossas informações não eram passadas aos israelenses e o mesmo acontecia com eles em relação a nós. Corriam boatos de planos secretos para atacar o nosso museu, mas, como poderiam ser secretos, se todos já sabiam? Todos sabiam que as relações políticas entre Israel e Jordânia não eram das melhores, e a tendência era a de agravar-se.

Boatos, verdades, falsificações. Na conquista dos manuscritos, valia tudo: seqüestro de beduínos, agentes da CIA, espões, milícias e sociedades secretas, políticos, banqueiros, empresários, fundos de doação, era um negócio muito lucrativo, mas ilegal no ponto de vista jordaniano, afinal as escavações e os achados estavam em território da Jordânia e ela tinha direito sobre os mesmos.

Por isso a demora para fazer uma escavação. Que burocracia! Uma ida a campo e precisava-se de uma permissão! Era uma grande zona militar e as tribos de beduínos com seus chefes a monopolizavam. Mas o nosso museu tinha suas vantagens, eu esperava apreensivamente a hora de conhecer os sítios arqueológicos.

PARTE 4

Foi em um pub e não em um sítio arqueológico que encontrei o meu achado precioso, foi quando conheci Monique. Estava ansioso e, quando estava assim, sem poder fazer um pouco de exercícios, ou seja, nenhum joguinho de futebol, sem fazer nada, nada melhor do

que ir a um *pub* — como nós ingleses chamamos os bares, e eu os chamo de “os lugares de não fazer nada”.

Lucky já conhecia todos “os lugares de não fazer nada” de Jerusalém oriental, pois em muito tempo sob domínio e influência britânica, não faltavam pubs. Lucky relacionava-se com os habitantes locais. Pressentia que era mais fácil ir a campo, nos sítios arqueológicos, com os amigos de Lucky do que por intermédio do museu. Naquele dia, Lucky chegou preparando outro campo.

— Gregg, tenho um lugar em que você poderá completar suas pesquisas — disse Lucky.

— Já sei! — respondi. — Onde fica o pub? — completei.

— Como você sabe? — disse ele.

— Adoro esses campos de pesquisas que você descobre, Lucky! — afirmei.

À noite estávamos pesquisando... Era um pub inglês, mas com um ar árabe. O cheiro forte das especiarias estava no ar, mas era um pouquinho de cada lugar em que eu estivera.

— Sítio novo, diferente, mas gostei. Nota sete! — falei para Lucky.

— Só sete? Este é o melhor lugar de Jerusalém oriental! — esbravejou Lucky.

Aquele sete, porém, se tornaria dez ou mais, pois foi quando, sem procurar, achei. Ela entrou! Uma linda morena, cabelos pretos longos e escuros, pele morena clara, mais bronzeada pela região, olhos grandes e escuros; parecia ser árabe, só parecia. E ela conhecia o Lucky.

— Gregg, esta é minha amiga, a doutora Monique D’Ebourg. E este é meu amigo, o doutor Gregg Di Pietro! — Lucky, sem demora, fez as devidas apresentações.

Olhei por uns instantes, como se fosse uma eternidade, dentro daqueles olhos, senti uma beleza interior maior que a externa, se isso

fosse possível, por a natureza à doutora ter sido muito generosa. E generosa foi a atitude de Lucky de me trazer àquele lugar, naquele momento. Continuei por um breve instante a apreciar a natureza de Monique, meus olhos fixos nela como há muito tempo não fazia com alguém — não por falta de oportunidade, pois era doutor nesse assunto, nós arqueólogos temos faro para achados do século.

Percebi que Monique também aproveitou o instante para decifrar a incógnita sobre o amigo do Lucky: eu! Foram delas as primeiras palavras:

— Prazer em conhecê-lo! — cumprimentou-me com um sotaque agradável.

O prazer era todo meu. Após uma viagem tão longa e expectativa tão grande, começara a sentir prazer no que fazia, conhecer lugares, pessoas, coisas, entrar pelo desconhecido. Desconhecido de suas relações é que eu não queria ser. Pensei antes de responder.

— O prazer é meu! Você é árabe? — perguntei.

— Meu pai é francês e minha mãe é árabe, eu nasci na França, mas vivi com meus pais por muitos lugares, países — respondeu-me.

— Parece minha família. Sou inglês, meu pai italiano e minha mãe inglesa, e vivi com eles por muitos lugares, países — completei.

Éramos muito parecidos e só poderíamos nos encontrar em um pub, se aquilo pode ser chamado de pub. No setor árabe, em Jerusalém oriental, na Jordânia, no Oriente Médio, na Ásia... tão longe de casa.

Continuamos nossa conversa como se já nos conhecêssemos. O importante é o primeiro contacto, é o que nos marca, e existia uma empatia recíproca. Isto prolongou nossa noite sem a necessidade de quantidade de álcool como nos velhos tempos. Uma luz resplandecia no fim do túnel pelos olhos de Monique. Monique era, além de tudo, uma conceituada profissional, era doutora em história e teologia,

com doutorado em história judaico-cristã e trabalhava no Instituto Americano em Jerusalém oriental.

Naquela noite, dormi como uma criança quando embalada nos braços de seus pais. Pais... estavam tão longe. Sentia falta deles e esse encontro me levou a pensar em família novamente. Monique transmitiu-me algo de bom, ou melhor, transportou-me para momentos de uma convivência. Essa convivência que me levou a escolher a minha profissão, pois meus pais, em suas pesquisas e escavações, me levavam pelo mundo todo. Mas seria o meu real propósito?

PARTE 5

Na semana seguinte, fomos convocados pelo museu para ir a campo.

Finalmente iríamos ao Deserto de Judá, a 30 quilômetros a leste de Jerusalém, em território jordaniano na região do Mar Morto, nas cavernas de Qumran. A região para a qual iríamos era chamada pelos árabes de *Wadi Qumran*. *Wadi* quer dizer barranco. Estavam lá as suas cavernas, onde encontraram os manuscritos. Nesse aspecto, já me sentia em casa mesmo não conhecendo a região.

Chegamos. Que região! Ela ressaltava aos meus olhos!

Descendo entre as colinas áridas, deparamo-nos com acampamentos de beduínos — a tribo Ta'amireh, encarregada de explorar. Tudo que era retirado pela tribo era entregue ao seu chefe, que fazia as transações e os pagamentos. Este conduzia ao diretor de antiguidades do museu.

Cada vez descendo mais, abaixo do nível do mar a quase 400 metros, chega-se ao ponto mais baixo da terra. Além de ser uma das regiões mais inóspitas do globo, a atmosfera é seca e quente, a temperatura gira em torno de 30 °C e 40 °C, 330 dias de sol por ano!

O mar que leva o nome de “Morto” não é um mar, é um lago, e só é morto porque não se consegue achar vida nele. O Mar Morto é chamado assim porque não tem nenhuma espécie de vida, não há peixes, algas marinhas ou plantas. Suas águas possuem dez vezes mais quantidade de sal do que outros mares. Por isso, quem cai nesse mar não afunda. Ah! Sim, esse mar já era famoso em 68 d.C., quando o imperador Vespasiano executou uma verificação: *“Ele ordenou que fossem jogados ao mar pessoas que não soubessem nadar, e que amarrassem suas mãos atrás das costas, qual não foi seu espanto, todas elas flutuaram como se o vento as jogasse para cima”*.

Descendo, sem esperar, surge um vale, o Vale do Jordão e o rio de mesmo nome. Voltando no tempo, começo a ver Jericó de agora e as montanhas de Moab.

Apreciamos o reflexo da água, as escarpas amareladas que sobem na mesma distância e faz com que a nossa admiração seja plena.

Plena era a sensação de desconforto no ar que respirávamos, seco e quente, por estarmos abaixo do nível do mar. Sentia-me mais quente que o normal, não só pela temperatura, mas por todos os aspectos das características extraordinárias da região planejada e arquitetada. Por quem? Não sei!

Que paisagem! O tempo parou naquele lugar.

Em Qumran, quase não chove, a água fresca é coletada de fontes locais e oásis.

Não era tão fácil chegar ao sítio arqueológico.

Primeiro, havia burocracia, depois policiamento tribal, distâncias percorridas a pé em terreno intransitável e escalar altos paredões e bem acima, na face dos penhascos. Aí se encontram as cavernas de Qumran. Sempre os beduínos estavam à nossa frente, tanto nas escavações como na posse dos manuscritos. A maioria dos

nossos arqueólogos preferia ficar de fora das escavações, deixando a cargo dos beduínos escalar os íngremes e escarpados penhascos, e da mesma forma a exploração de suas cavernas.

Eu já gostava de escalar, fazer um pouco de exercícios, isso me aproximava mais dos beduínos, por sua vez Lucky relacionava-se em Jerusalém com os árabes. Esse conjunto de entrosamento seria muito útil futuramente...

PARTE 6

Voltando ao museu, nossa equipe trabalhava por consenso, todos os materiais estavam preparados em uma única dependência e todos tinham liberdade de acompanhar o trabalho dos colegas. Alguns diziam que: “*nosso local de trabalho e de pesquisa apresenta uma atmosfera quase monástica*”.

Monástica não era a visão do local de encontro depois do trabalho, o “*pub árabe*”. Assim eu o chamava, tinha uma atmosfera de cumplicidade e relacionamento entre os seus freqüentadores, pois desciam de seus pedestais diários e se assentavam no mesmo nível de uma mesa de pub.

O primeiro volume de pesquisas foi lançado rapidamente, com o título de *Discoveries in the Judaean Desert (Descobertas no Deserto de Judá)*. Uns achavam que era pouco!

Já estávamos ficando famosos! Famosos demais.

Estávamos em um artigo do *New Yorker*: “*Os Manuscritos do Mar Morto*”, escrito pelo romancista Edmund Wilson. Começamos a ser conhecidos do grande público e da comunidade científica, mas apenas por intrigas e fofocas. Como toda fofoca, sempre há um fundo de verdade... Alguns meses se passaram.

Um novo ano se iniciava e estávamos em 1956!

A frequência de nosso local de trabalho, como do nosso local de lazer, diminuiu. Não por vontade própria, mas por força maior.

Havia mais uma crise política no ar, que envolvia dinheiro e poder, afinal ninguém quer perder: *nem dinheiro, nem poder!*

Dessa vez a crise era sobre o Canal de Suez. Inglaterra, França e Israel iniciaram uma guerra contra o Egito de seu novo líder: o “ditador egípcio”, assim eu o chamava. O motivo dessa guerra foi o fato do *ditador egípcio* ter nacionalizado o Canal de Suez e proibido a navegação de navios israelenses. Como sempre, todos tinham razão, dependendo do lado que estivessem. Norte-americanos e soviéticos esperavam de cadeira cativa.

Em nosso trabalho, essa crise afetou os nossos colegas. Freqüentadores ou não dos dois ambientes, do museu e do pub, já estavam de partida. Muitos foram chamados pelos seus países. Até Monique voltou para casa. Meu achado precioso, Monique, estaria confinada em outra instituição americana, dessa vez na França. Lucky, meu fiel escudeiro, e eu ajudávamos nas mudanças tanto dos amigos como dos manuscritos. Tivemos que embalá-los em trinta e seis caixas para serem enviadas e guardadas em Aman, capital da Jordânia, em um cofre de um banco. Para o banco dos demitidos foi enviado o diretor de Antiguidades do museu. Ele e os manuscritos eram as primeiras vítimas da crise.

Lucky e eu continuávamos disponíveis. Voltamos a fazer nada. De novo!...



Cavernas de Qumran, hoje Israel, onde foram encontrados os *Manuscritos do Mar Morto*.